

# A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

## CONDE DE ALMOSTER

Sentimo-nos cheios d'orgulho ao tomarmos a penna, para traçarmos estas linhas; mas desfalece-nos o entusiasmo, quando nos vemos forçados a emmolural-as em suspiros e saudaes!

Escrever o nome do Conde de Almoſter, um dos barcollenses mais distinctos d'este seculo, é um orgulho para nós: dizer que o bravo militar cahiu mortalmente ferido no campo da batalha, quando a vida lhe estava ainda em primavera sorridente, é missão pesadissima e crudiante para quem, como nós, conheceu, desde o berço, a nobreza de caracter e o quilate das virtudes do inolvidavel heroe do Humbe.

Herdeiro de um nome glorioso, sentinlo correr-lhe nas veias o sangue estuante do soldado portuguez, o intemerato militar offereceu generosamente a sua actividade e a sua vida para vingar a honra da patria offendida, lá tão longe, nas paragens inhospitas da Africa Occidental.

Depois de longo tempo de serviço na provincia d'Angola aonde praticou actos de verdadeira intrepidez militar, sem que as caricias da mãe, os affectos da esposa e os encantos dos filhos o induzissem abandonar o seu posto de honra, elle poz acima de tudo, superior a tudo, o cumprimento do seu dever como militar, e vingar a honra da sua patria, como portuguez.

N'esta epocha de egoismo e de uma derrocada moral, em que o amor da patria se hypotheca a qualquer banalidade politica e se sacrifica ao mais sordido utilitarismo individual, é consolador o vemos ainda nas fileiras do nosso exercito bravos militares da estatura do Conde de Almoſter.

Foi no dia 3 do passado mez de dezembro que aquelle nobre capitão de cavallaria do exercito do Reino, commanlante um pelotão em operações, contra o genio rebelde, na provincia

d'Angola, carregou valentemente sobre os insurrectos até se acabar, aos seus valentes soldados, o ultimo cartucho: e, formando então quadrado á bayoneta contra o numeroso inimigo, ahí sacrificaram o seu sangue e as suas vidas, sobre o altar sacro e santo da patria, vinte e trez invenciveis soldados, que nos fazem recordar dos tempos aureos da nossa valentia, como a maior de todas as nações guerreiras.

O neto do valente general, cujo nome se destaca salientemente entre o grupo dos militares

mais distinctos da Europa, quiz levantar, n'aquellas nossas possessões africanas, e sobre o seu proprio cadaver, um honrosissimo monumento á veneranda memoria de seu avô!

É sobretudo honroso para a memoria do valente militar, morto heroicamente no Humbe, como justamente lhe era devido, o relatorio que precede o projecto de lei, apresentando na camara dos deputados em sessão de 2 de Abril passado, e vindo já da camara dos dignos pares do reino, para se conceder uma pensão á viuva e filhinhos d'aquelle heroe das nossas batalhas do ultramar.

Devido á escassez do espaço de que dispomos para esta secção, terminamos esta ligeira

chromica, singella corôa de perpetuas e de saudaes, que a «Lagrima» depois da sobre o tumulo do illustre barcollense e heroico militar, pela mão do mais modesto dos collaboradores d'este quinzenario.

*Archeologo*

## NOTAS DA QUINZENA

O novo edificio dos Bombeiros não representa só a habilidade d'un artista barcollense que o delineou—mostrando que Barcellos precisa deixar de construir casas sem o peso bruto do theatro Gil Vicente, sem o labyrintho de escadas costunado—representa o quartel quanto pôde a boa vontade, o sacrificio e a benevolencia.



## A LAGRIMA

Trindade esta que aureola muitas individualidades d'esta terra.

E quer sejam uns a que chamam *sarramicas* e *mandões*—n'uma economia apaixonada e seria e persistente e doida; ou quer sejam aquelles que ficaram com vontade de *não poder* contribuir com um centil para a grandiosa obra.

D'estes é preciso nomear o *Novoeiro*, que declarou não lhe ser *possível* assellar a nomeação de protector da Associação, a 100 reis por mez.

¿Qual o motivo?

E' que *Novoeiro* não é de hoje, é dos principios do seculo XIX, que desconhecia commerciantes janotas como João Mathias, que vão a *pic-nics*, e que frequentam a opera.

Aquella individualidade, cujo rosto vedes semi-cunhamoldurado por uma barbinha passa-piolho, ganhou a sua fortuna com o cevado, com a vara, com o quartilho, com a canada, no meio d'um poupar rigoroso.

Não conheceu por uso proprio a botinha de polimento, com laços de seda; nem usou flôr na lapilla.

Em cima d'uns tamancos povoados de taxas de aza de moseca, que punhiam o soalho do seu estabelecimento mareado, bexigoso; as calças suspensas por urelos erasados nas costas; assim se fez ao mar largo da lueta.

Quando o amor o despertára, abrilhantou o cabelo, não com agua Circassiana, mas com pingue sem sal, apartando-o em partes iguaes, afim de que nem do lado direito do rego ficasse mais, nem do esqurdo.

Ora quem assim foi, não pôde conformar-se com as inovações de hoje.

... Não consta que a villa fosse destruida por incendios em antes de haver bombas e... mais — bombeiros...

¿Quem pensa ali em fazer andar de bycicleta o *Novoeiro*? Vá...

Todos, pois, conforme a educação, a instrução, a intelligencia, as posses, concorreram para isto que a civilisação actual chama—*Quartel dos Bombeiros Voluntarios!*

\*

Vamos dizer a respeito dos festejos.

Primeiro a formatura da missa, em que o sr. Ayres mos rou ter lucrado com as lições da las, no Campo da Feira, aos recrutas, fazendo manobrar os seus subordinados pela nova tactica.

A' voz de *formar por alturas* viu-se que o Veterano era o maior, e o mais pequeno o Caganito (como o nome está a dizer) que á beira d'aquelle dava-lhe com o nariz n'uma parte que não se pode dizer aqui.

A missa foi nos Terceiros.

Viam-se n'este templo muitas senhoras, (porque os bombeiros não apagam só incendios, mas, tambem, fogos do coração).

À meza de S. Francisco, com as respectivas

armas, formou, de grande uniforme, no altarmór.

A seguir ao santo sacrificio fez-se a mudança do material.

No Largo José Novaes havia grande multidão de pessoas de ambos os sexos, a ver o espectáculo.

A sessão solemne correu bem.

As senhoras juntaram-se no salão nobre, separadas dos varões.

Notou-se uma coisa: que ellas tratam mais dos seus chapéus, que o jardineiro do passeio publico; algumas flores que os ornavam eram linlissimas.

Os discursos:

Vehemente, o Monteiro

Sincero, o Ramos

o Esteves

Estenso, o Graça.

As poesias.

Ambos os art-stas estiveram á altura de seus papeis (o Braz e o Azevedo).

A todos um bravo!

As illuminações foram mais *patrioticas* do que bonitas.

A' noite das ceias, commemorando, *pela barriga*, o acto solemne.

Nos hoteis Vinagre e Cardoso.

Houve naturaes esforços de culinaria.

Em ambos muitos brindes, aos commandantes, ao presidente, aos promotores, ao engenheiro.

Agora que o arroz está caro e caros o azeite e assucar, (nem que a gente tivesse culpa de haver guerras) a villa e infestada por bandos de pedinchões para festinhas corriqueiras, a todos os santos e em todos os largos.

Admitte-se que á nossa custa se façam festas na Franqueira, pela vantagem do sitio; que não se deixe morrer a patriótica festa de Cruzes e se apoiem os festejos á Senhora da Ponte, visto a gente patriótica que n'ella se mette e as condições physicas de Barcellinhos.

Demais... nós fazemos parede.

\*

Vimos o programma dos festejos a Nossa Senhora da Ponte.

A Commissão promotora é boa.

O seu presidente julgamos ser o nosso amigo José Alves de Faria.

E' intelligente e instruido.

A elle um reparo.

A illuminação, annuncia-la, promette estender-se por muitas ruas e largos, de Barcellinhos.

Terá caracter de novidade para nós!

Necessariamente que não e muito menos para os extranhos.

Seria, pois, conveniente que se aproveitasse, com ellas, o melhor ponto—o rio.



## A LAGRIMA

Concentrar a iluminação no largo da Ponte e rua Emygdio Navarro, e aproveitar a destinada a outros pontos da freguezia, na margem esquerda do Cavado, seria para applaudir e admirar.

Ahi fica a lembrança, caso haja possibilidade...

### O SR. AZEVEDO E «A LAGRIMA»:

Haada a lealdade nossa publicar a carta que se segue.

Já a rebatemos.

Não nos passa despercebido o fim do sr. Azevedo, que é pretender reabilitar-se do erro que commettera.

Repetimos: ouviram-n'o diplomados, sabedores, como os srs. padre Antonio Lima, drs. Sá Carneiro e Nunes da Silva, necessariamente, afirmar que a regeneração da mulher se devia a Lutherô.

Vejam que o sr. Azevedo está titubeante em diferentes pontos, assim: «que talvez...» — se a memoria lhe não falla...»

O sr. Azevedo devia quizar-se só da sua retentiva.

### Sr. redactor d' «A Lagrima»:

Permittiu-se V., no ultimo numero do seu mui apreciavel quinzenario, a distincção de me honrar com uma referencia ás bem desprezenciosas palavras que me foi dado proferir por occasião da festa do Azylo do Menino Deus.

N'essa referencia desassombra-se V. em liameamentos de sisuda critica, vergastando o audacioso que se não pejou de pronunciar o nome de Lutherô—o rebelde—«n'uma casa do Menino Deus» e em festa tola infantil, onde melhor se adaptavam a historietta do frade de Villar e «a pintura magica dos jardins suspensos, da Babilonia.»

Esta parte, porém, da sua critica não seria bastante para demover-me á impertinencia que lhe trago, se não fosse amplexiva d'uma asserção tal que, por extraordinaria, não posso perfi-lhar, já que, tambem, me faltou engenho para poder avançal-a.

Refiro-me áquella parte em que V. quiz attribuir-me exorbitante penetração que me fez ver em Lutherô o redemptor da sensualidade feminina.

V., decerto, não assistiu á festa do Azylo, ou, pelo menos, n'o estava presente no momento em que alli ousei fallar. E, dando-se confiança n'uma a qualquer informador menos consciante, como tantas vezes acontece n'estas Edes do jornalismo, consignou nas columnas do seu quinzenario uma inexactilção em que, de modo algum, eu poderia assentir.

Por isso venho juncto de V., confiado na lealdade cujo direi-o me supponho, reclamar a aclaração que espero devei-lhe, depois de V. saber que o nome de Lutherô foi simples accidente do meu discurso.

Fallei n'elle porque fallei na *Renascença*, na grandiosa epocha que o teve por primeiro fanal

da civilização hodierna. Fiz de Lutherô a lince que separava os tempos incertos da antiguidade, nas restricções do meu thema—a situação social da mulher—dos modernos tempos que sulcam, em reverberos de luz, a missão edificante da *companheira do homem*. E como tinha objectivo differente d'aquelle que V. me aconselha, como não fallava ás creancinhas, mas á sociedade, na diminuta parcella que me escutava, fiz-me proveito das judiciosas considerações do sr. dr. Sá Carneiro, na parte do relatorio que justifica a transformação do—Recolhimento em Azylo— e mostrei que a mulher nem era luxo de sensualidade humana, nem divinisação intangivel, ou creatura destinada á vida enervante do convento. A mulher era, enfim, a *companheira do homem*. E, por isso, os obreiros do progresso não cessavam de erigir casas proprias para a sua educação, quer ella viesse do berço da opulencia, ou do andrajoso regaço d'uma mãe.

Foi aqui, se a memoria não me falla, que eu disse—...«do palacio vae para o collegio e do turgurio veem para o azylo»—phrase que me parece o informador confundiu com a que V. me attribue—«sair de miseria para entrar no Azylo, é o mesmo que vir do inferno para o ceu»—e que, afinal, talvez tivesse pronunciado, sem ter que me envergonhar d'isso, embora esta se deprehenda plagiato do sublime verso de Macedo Papança:

*Voltar do exilio á patria é vir do inferno ao mundo* que V. errou, trocando mundo por ceu.

E, posto isto, para terminar a longa massada que espero me desculpe, subscrevo-me

De V., etc.

Antonio de Azevedo

Barcellos, 18 de maio de 1898.

### ALBUM DA «LAGRIMA»

Quando se corrigem lapsos de lingua quer ao Ferreira, quer ao Vergelin, tem estes srs. por costume dizer que não admira tel-os porque *não sabem ler*.

Ora quem escreve assim, como vão observar, de que maneira se deve desculpar das irregularidades da escripta?

«Minha Tou Rida mãi justinu qeu irteiga De pur Feita Saude a Fazore d'este e bua garces a Deus Mãi dome Dezer qeu jstava Munto qeihoza Pur le numtore i qervedu quuo o pã i qerveu eu não le jeeve u pã i qhuç duento Muitas bezitas a Sorana geturdes is pirna Roza a pirna Muria iguacina du Ruocimbu a Magarida qubaça i Roza lieua i Roza chuiha jstimo qeu jsteiga bau garçes a Deus a Minha

Mas noz beuiha ca elo nacinta ebua feira baila

«Suo sua Filha» Barcellos 5 de guinho» etc etc.

Prosa da rua Nova de S. Bento... o bouda.

## A LAGRIMA

### O PRAINA E O VAREJO

Dois guardas, não em serviço,  
Sem casa p'ra varejar  
Tendo nos bolsos cotão;  
Mas a ideia de tainar,

Fez, que um, o mais esperto,  
Na arte da malandrice,  
Fizosse d'um fino, parvo,  
Ai, que perfeita raticel!

Sem mais preambulo eu vou  
Este caso relatar:  
Um guarda tinha n'um bolso  
Rosario, não para orar,

Mas p'ra ver se assim podia,  
N'este tempo tão calmoso,  
Beber um copo de vinho  
No grande hotel do Cardoso!

Fez-se com outro, que graça,  
Pr'o nosso Praina comer,  
E com finura, que arte,  
Sem o *figaro* perceber,

Indicou que o companheiro,  
Que não lê o breviario,  
Mas, que no bolso trazia,  
Como christão um rosario;

E que de prompto fazia,  
O rosario desap'recer,  
Que apostasse, sem reccio,  
D'esta aposta, sim, perder.

O Praina caiu no lôgro,  
Sem mais demora apostou,  
Sem pensar, o coitadinho,  
Que comido elle ficou.

O outro fingiu que tirava  
O rosario ao companheiro;  
O Praina todo *gamenho*  
E com ares de prazenteiro,

Perguntou se elle trazia  
Alguma cousa d'*egreja*;  
Sendo assim, que a mostrasse,  
Sendo cousa que se veja.

O outro jurou contricto,  
Pela hostia do sacario  
Que trazia no seu bolso,  
O seu querido rosario.

O Praina todo contente,  
Até a alma lhe sorria,  
Respondeu: que era falso,  
Que o guarda, sem fé, mentia.

E apostou cinco tostões,  
Ai, que desgraça tamanha,  
Como não tinha rosario...  
Caiu emfim na *patranha*.

Não lumentes, oh! Praina, o teu estado  
Lograda tem sido muita gente boa,  
Desde a Granja, da Ordem e mais d'Agrella,  
Até á nossa riquissima Lisboa.

O Freitas, *um bom serás*, um teu amigo,  
Tem comido tambem muito *palão*,  
E não quer como tu ter o renome,  
De fino e de grande espertalhão,

Porisso eu te digo como amigo:  
Deixa correr o teu destino á tóa,  
Luerecia, quiz passar por muito esperta,  
Apesar de avariada ter a proal...

Ai, não queiras, Praininha, ser esperto,  
Tu não podes, por Deus, ninguem lograr;  
Sê *figaro* e mais nada, meu amigo,  
Continua o pobre Zé a barbear.

Se queres consolação, oh! Praina amigo,  
Para essa tua sorte desditosa,  
Faz o mesmo, que fez em outros tempos,  
—Essa da Russia Imperatriz famosa! \* \*

Eis o final d'uma critica ao «Problema do Casamento», de Paulo de Mantegazza, publicada no penultimo n.º da «Aurora do Cavalo»:

«Tudo, pois, com o esmero da edição, recommenda a obra ao publico.

Rodrigo Velloso

Do n.º 388 do 2.º anno «Jornal de Lisboa.»

Este caso faz pensar,  
E põe-me á cabeça á toa,  
Foi a «Aurora do Cavalo»,  
Ou o «Jornal de Lisboa»,

Que recommendou o livro  
Ao nosso mundo illustrado?...  
Vou escrever sobre isto  
Ao Rodrigo, advogado... \* \*

Alguns empregados no commercio de Barcellos foram acima de Braga, ao Bom Jesus, no ultimo domingo.

Gosaram muito.

Por o dia estar baço não poderam, com vantagem, applicar o 1.º dos *sentidos* do homem no disfructo do panorama.

Em compensação, no 4.º, tiraram a desforra comendo e bebendo a farta.

Nota alegre. Gratuitamente os rapazes encheram a barriga ao Monte do Carmo, mas, em compensação elle deu-lhes, barrigadas de riso.

Era já noite fechada: quando os mancebos vinham abaixo de Braga, em direcção aos *penates*,

Typographia Barcelense  
Responsavel—J. Gonçalves da Silva  
Mez 40 reis